

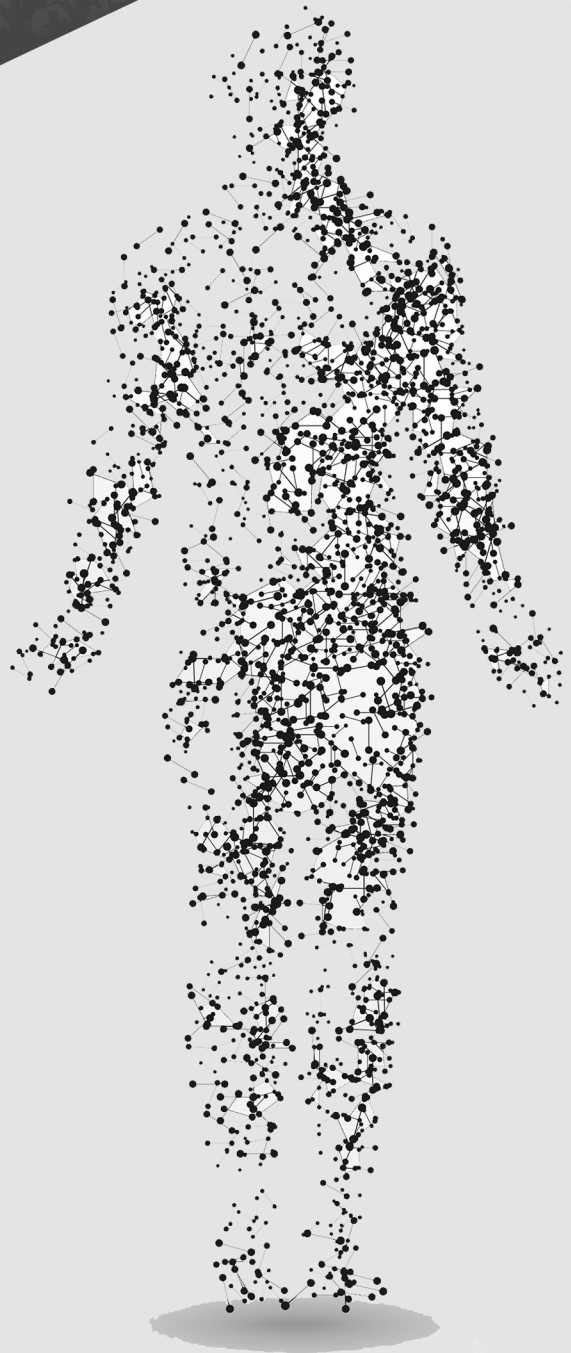
# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



# AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA  
(ORGANIZADOR)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	<p>As ciências humanas como protagonistas no mundo atual [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-057-5            DOI 10.22533/at.ed.575202205</p> <p>1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Tecnologias.            I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e seis capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Ciência Humanas reconhecendo seu papel histórico, presente e futuro no desenvolvimento da sociedade a partir de conceitos e práticas delineadas e justapostas como ferramentas para compreender o mundo globalizado a partir de investigações que possam transformá-lo.

Nos dez primeiros capítulos da Coletânea, os autores e autoras tecem considerações importantes sobre as narrativas, memórias, autobiografias e identidades em diferentes contextos educacionais, perfazendo trajetórias metodológicas para a formação docente e discente seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Tais reflexões revelam o potencial crescente dos estudos envolvendo os percursos identitários no bojo das Ciências Humanas e demais desdobramentos na formação docente.

Os capítulos 11, 12 e 13 apresentam fecundas considerações envolvendo a temática ambiental e sustentabilidade, tendo como plano de fundo os debates inerentes à Educação Ambiental e outras práticas no âmbito da Educação Básica.

O capítulo 14 analisa as cartas trocadas entre D. Pedro I e a Condessa de Belmonte, desvelando uma parte da história do país. Já nos capítulos 15 e 16 os autores analisam respectivamente as competências socioemocionais no desenvolvimento humano e o Ensino Religioso no estado do Amazonas através de uma concepção filosófica-histórica-crítica.

Na sequência os capítulos 17, 18 e 19 apresentam respectivamente, um debate sobre atos de violência e inclusão escolar, a gênese do desenvolvimento da criança e a difusão diagnóstica do TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na infância tem sido um fenômeno do contemporâneo.

O capítulo 20 apresenta-se uma importante trajetória de Simone de Beauvoir como resistência, buscando compreender o ser mulher frente ao contexto social. Nos capítulos 21 e 22, os pesquisadores tecem considerações sobre as disputas do Positivismo e da Dialética na Sociologia Alemã e sobre o desenvolvimento humano a partir de uma leitura sócio-histórica.

No capítulo 23, o autor apresenta uma fecunda leitura sobre os atributos relevantes para a formação de um pesquisador em Ciências Humanas. Enquanto no capítulo 24, nota-se uma análise sobre a formação continuada de professores da

Educação Infantil a partir dos paradigmas da Pedagogia Crítica.

Por fim, os capítulos 25 e 26 tecem considerações sobre a formação continuada de professores em EAD e a inclusão digital na Terceira Idade.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão das Ciências Humanas como protagonistas no mundo atual; transformando as realidades, ensinando com criticidade, derrubando muros e barreiras com coerência metodológica e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo futuro comum.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO”: DA ENTREVISTA NARRATIVA A PESQUISA NARRATIVA	
Assicleide da Silva Brito Maria Luiza de Araújo Gastal	
DOI 10.22533/at.ed.5752022051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
EM LINHAS NARRATIVAS: A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES INICIANTES	
Rozilene de Moraes Sousa Ivete Cevallos	
DOI 10.22533/at.ed.5752022052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>30</b>
AUTOBIOGRAFIA NA SOCIOEDUCAÇÃO: AUTOCONFRONTAÇÃO PARA ATIVAÇÃO DE VALORES E RESSIGNIFICAÇÃO DE PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES RESTRITOS DE LIBERDADE	
Luiz Nolasco de Rezende Junior Claudia Pato	
DOI 10.22533/at.ed.5752022053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
O MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO E O USO DOS BIOGRAMAS PARA A COMPREENSÃO DAS TRAJETÓRIAS DOCENTES NA ENGENHARIA BIOMÉDICA	
Alessandra de Cássia Grilo Maria Angela Boccara de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.5752022054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
PROFESSORA CLEO: VIDA, PERCURSOS, PERCALÇOS E VITÓRIAS	
Maria das Graças Campos Cleonice Terezinha Fernandes José Serafim Bertoloto	
DOI 10.22533/at.ed.5752022055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, O SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	
Sandiara Daíse Rosanelli Tamara Conti Machado Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.5752022056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>79</b>
ROTAS DE UM BARCO À DERIVA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS À PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA	
Elaine Pedreira Rabinovich Cinthia Barreto Santos Souza Eliana Sales Brito Maria Angélica Vitoriano da Silva Rita da Cruz Amorim Sumaia Midlej Pimentel Sá	
DOI 10.22533/at.ed.5752022057	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
DE VOLTA AO MEU MUNDO DE ORIGEM	
<a href="#">Maria Geni Pereira Bilio</a> <a href="#">Maria das Graças Campos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5752022058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
HISTÓRIA FAMILIAR DE DUAS IRMÃS: TEMPO & ESPAÇO E O ETERNO (RE)COMEÇO	
<a href="#">Elaine Pedreira Rabinovich</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5752022059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL DOS ACADÊMICOS	
<a href="#">Janaína Vieira Eduardo</a> <a href="#">Kátia Maria Pacheco Saraiva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>127</b>
A PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A FORMAÇÃO DE VALORES E A ÉTICA DO CUIDADO NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Tereza Joelma Barbosa Almeida</a> <a href="#">Ana Sueli Teixeira de Pinho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DESAFIO INTERDISCIPLINAR	
<a href="#">Gustavo Henrique Cepolini Ferreira</a> <a href="#">Eliana Izabel da Silva Cepolini</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
ROBÓTICA SUSTENTÁVEL: UMA VISÃO DE SUSTENTABILIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA AMAZÔNIA EM ATIVIDADES DE ROBÓTICA EDUCACIONAL	
<a href="#">Angel Pena Galvão</a> <a href="#">Luiz Fernando Reinoso</a> <a href="#">João Lucio de Souza Junior</a> <a href="#">Edinelson Luis Sousa Junior</a> <a href="#">Manoel Sarmanho Neto</a> <a href="#">Eduardo José Caldeira Tavares</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220513</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>163</b>
A CONFIANÇA DEPOSITADA EM DADAMA : UMA ANÁLISE A PARTIR DE CARTAS TROCADAS ENTRE D. PEDRO I E MARIANA CARLOTA DE VERNA	
<a href="#">Gilmara Rodrigues da Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220514</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO CONTEXTO DO MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	
<a href="#">Francisco Ariclene Oliveira</a>	

Guilherme Irffi  
Luciano Lima Correia  
Liu Man Ying  
Ana Cristina Lindsay  
Márcia Maria Tavares Machado  
**DOI 10.22533/at.ed.57520220515**

**CAPÍTULO 16 ..... 186**

ENSINO RELIGIOSO NO AMAZONAS UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Francisco Sales Bastos Palheta

**DOI 10.22533/at.ed.57520220516**

**CAPÍTULO 17 ..... 201**

COMPREENSÃO DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS ATOS DE VIOLÊNCIA EM UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO ESCOLAR

Magdalânia Cauby França

**DOI 10.22533/at.ed.57520220517**

**CAPÍTULO 18 ..... 213**

A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: OPERAÇÕES COM SIGNOS E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

**DOI 10.22533/at.ed.57520220518**

**CAPÍTULO 19 ..... 228**

UM PERCURSO DA DIFUSÃO DIAGNÓSTICA DO TDAH - A NOVA FACE DO MAL – ESTAR INFANTIL NO CONTEMPORÂNEO?

Luciane Martins Alfradique

**DOI 10.22533/at.ed.57520220519**

**CAPÍTULO 20 ..... 241**

SIMONE DE BEAUVOIR: RESISTIR PARA SUBVERTER

Simone Sanches Vicente Morais

Henrique de Oliveira Lee

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Lucy Azevedo

Soraya do Lago Albuquerque

**DOI 10.22533/at.ed.57520220520**

**CAPÍTULO 21 ..... 253**

A DISPUTA DO POSITIVISMO E DA DIALÉTICA NA SOCIOLOGIA ALEMÃ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

**DOI 10.22533/at.ed.57520220521**

**CAPÍTULO 22 ..... 266**

DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

Vania Severino

**DOI 10.22533/at.ed.57520220522**

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>278</b>
A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EM CIÊNCIAS HUMANAS: UMA VISÃO, HOJE	
<a href="#">Alessandro Carvalho Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220523</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>286</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENTES PARADIGMAS E A PEDAGOGIA CRÍTICA	
<a href="#">Maria de Jesus Assunção e Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220524</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>299</b>
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM	
<a href="#">Miguel Alfredo Orth</a>	
<a href="#">Claudia Escalante Medeiros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220525</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>315</b>
INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE	
<a href="#">Adelcio Machado dos Santos</a>	
<a href="#">Danilo Erhardt</a>	
<a href="#">Sandra Mara Bragagnolo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.57520220526</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>324</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>325</b>

## COMPREENSÃO DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS ATOS DE VIOLÊNCIA EM UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO ESCOLAR

Data de aceite: 15/05/2020

Data de submissão: 04/02/2020

**Magdalânia Cauby França**

Universidade Estadual da Bahia, Departamento  
de Educação  
Alagoinhas-BA

<http://lattes.cnpq.br/4941404469132818>

**RESUMO:** Pretende compreender as experiências de violência que incidiram na trajetória de inclusão escolar de uma jovem negra, com deficiência visual e auditiva. Parte da reflexão sobre a complexidade da inclusão como um processo contínuo de gestão de conflitos oriundos das relações tensionadas entre as expectativas normativas e o direito às possibilidades de expressão humana. A escola deve assumir a responsabilidade sobre o processo de produção e enfrentamento da violência no seu contexto por meio de ações inclusivas que contemplem a interlocução e busca de sentidos dos discursos com os atores sociais. Para melhor compreensão dessa história de inclusão e desvelamento das controvérsias dos sentidos atribuídos aos atos de violência, utiliza as contribuições da

metodologia (auto)biográfica para possibilitar o alargamento da interpretação das narrativas. Dialoga com autores como: Ferrarotti (1988), Abramovay (2005), Adorno (1995), Goffman (1998), Crochik (2011). Aborda alguns conceitos que configuram a inclusão e a violência como uma produção psicossocial: preconceito, violação de direitos humanos, *bullying*, estigma, diversidade. Portanto, essa narrativa não apenas emite críticas à violência institucional, mas aponta alguns caminhos para a luta pelo direito à diferença e busca de construção de educação inclusiva, onde o respeito à diversidade torna-se condição imprescindível para a formação humana da juventude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão escolar. Violência. Juventude.

### UNDERSTANDING THE SENSES ASSIGNED TO ACTS OF VIOLENCE IN AN EXPERIENCE OF SCHOOL INCLUSION

**ABSTRACT:** It intends to understand the experiences of violence that affected the trajectory of school inclusion of a young black woman, with visual and hearing impairment. Part of the reflection on the complexity of inclusion as a continuous process of conflict management arising from the tensioned relations between

normative expectations and the right to the possibilities of human expression. The school must assume responsibility for the process of producing and coping with violence in its context through inclusive actions that include dialogue and the search for meanings in discourses with social actors. For a better understanding of this history of inclusion and unveiling the controversies of the meanings attributed to acts of violence, he uses the contributions of the (auto) biographical methodology to enable the broadening of the interpretation of the narratives. Dialogue with authors such as: Ferrarotti (1988), Abramovay (2005), Adorno (1995), Goffman (1998), Crochik (2011). It addresses some concepts that configure inclusion and violence as a psychosocial production: prejudice, violation of human rights, bullying, stigma, diversity. Therefore, this narrative not only criticizes institutional violence, but points out some paths for the fight for the right to difference and the search for the construction of inclusive education, where respect for diversity becomes an essential condition for the human formation of youth.

**KEYWORDS:** School inclusion. Violence. Youth.

## 1 | INTRODUÇÃO

O processo de inclusão envolve uma complexidade de fatores que convergem no sentido da gestão de conflitos oriundos das relações tensionadas entre as expectativas normativas e o direito às diversas possibilidades de expressão humana.

Os problemas que emergiram no início dessa experiência de inclusão de uma jovem no ensino médio poderiam ser considerados como toleráveis num processo educacional regular, entretanto, a ineficiência na gestão desses conflitos se configurou na evolução gradativa para fatos concretos de violência como podemos observar nas análises das narrativas no desenrolar do texto.

A violência é um tema muito vivenciado e discutido na sociedade e a escola como instituição social reproduz as correlações que fazem emergir a violência. Embora seja um conceito heterogêneo, mutável e dinâmico a violência pode ser delimitada a partir de elementos comuns:

A noção de coerção ou força e o dano que é produzido a um indivíduo ou grupo social (classe ou categoria social, gênero ou etnia), violação de direitos humanos e sentidos para os vitimados, sendo, portanto básico privilegiar no conceito de violência tanto princípios civilizatórios sobre direitos – já que muitas vezes os destituídos desses não têm condições objetivas ou parâmetros para se reconhecerem como vítimas – quanto o percebido, o sentido, o assumido como sofrimento, dor ou dano. (ABRAMOVAY, 2005, p.56)

Conhecer os elementos que configuram a relação violenta é relevante para a compreensão, prevenção e superação de atos violentos, principalmente na contemporaneidade onde a convivência na diversidade é uma condição imprescindível.

A violência envolve dimensões psicossociais e relaciona-se intimamente com

o preconceito. Em seus estudos sobre preconceito e inclusão, Crochik (2011, p.63) afirma que o preconceito não é inato e se instala nos sujeitos como um produto das relações entre os conflitos psíquicos e os estereótipos produzidos culturalmente.

Conforme a pesquisa de Theodor W. Adorno et al. (1950) e a de José Leon Crochik (2004) indicam, o preconceito não tem relação direta e imediata com a vítima, mas com quem não consegue deter o ódio a si mesmo e à sua condição social e psíquica, dirigindo-o para outros grupos e pessoas; esse ódio é marca do preconceituoso, mesmo que apareça em suas formas aparentemente mais inofensivas: o desprezo e a indiferença.

No processo de inclusão há toda uma mobilização em tratar o diferente como um ser normal. Toda a adaptação tende a fazer aproximações com expectativas normativas que determinam qual o lugar que a diferença deve ocupar nessa relação. Segundo Goffman (1988) a noção de estigma, depreciação por um atributo, é relacional e segue alguns códigos de conduta social e quando o estigmatizado não segue o esperado pelos normais, a boa convivência é abalada e os normais reagem para re-assumirem o controle da situação.

Refletir sobre as narrativas sobre a inclusão escolar de minha filha significa rememorar as experiências e buscar ressignificações para as tensões e conflitos da realidade.

É um desafio, falar do lugar de mãe que sempre buscou compreender e dar contribuições à trajetória de inclusão da sua filha, Goffman (1988, p.28) ressalta a importância fazer emergir as vozes dos estigmatizados e desta forma, valida o meu pertencimento como pessoa “informada”: “Um segundo tipo de pessoa «informada» é o indivíduo que se relaciona com um indivíduo estigmatizado através da estrutura social - uma relação que leva a sociedade mais ampla a considerar ambos como uma só pessoa.”

Nesse contexto, o método biográfico é recomendado para fazer a mediação entre história individual e a estrutura social, pois segundo Ferrarotti (1988, p. 26): “o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.”

Como percurso metodológico utilizou-se a investigação sobre o cotidiano da inclusão escolar a partir de observações, participações em reuniões, comunicação por e-mails e telefones, mensagens instantâneas via celular e nas redes sociais com o objetivo de desvelar os sentidos e a construção da cultura da violência na escola.

## 2 | TRAJETÓRIAS DA INCLUSÃO ESCOLAR: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE

A inclusão no ensino fundamental transcorreu num fluxo contínuo de superação das dificuldades pelo diálogo entre mãe e escola, conseguimos lidar com os conflitos gerados nas relações de inclusão entre as expectativas normativas e as necessidades de expressão da minha filha. Ressaltando-se os desafios da interseccionalidade na inclusão dessa jovem negra, com fenótipos afro-étnicos acentuados, com baixa visão e baixa audição, que prefere transitar pelo gênero masculino, ama jogar futebol, cantar e participar da maioria dos eventos sociais promovidos pela escola. Uma jovem que ao longo das suas experiências escolheu lidar com os estigmas pela perspectiva do direito de se expressar como um ser com liberdade de escolher o seu próprio estilo de vida e sem medo de ser feliz.

A mudança para o ensino médio emergiu outros conflitos no âmbito da metodologia dos professores, atraso no material didático e dificuldades nas inter-relações com os colegas como podemos constatar na fala da estudante de inclusão: “Os meus colegas não estão aceitando as minhas sugestões nos trabalhos de grupo” “estou sem grupo para fazer meus trabalhos”, “Ninguém quer me adicionar no grupo de whatsapp da minha turma.” Segundo Crochik a violência tem uma relação direta com o aumento da pressão social sobre o indivíduo que reage na tentativa de escapar das imposições do sistema opressor.

Pesquisas sobre violência nas escolas Abramovay (2005), Patrício (2013) evidenciam que os adolescentes e jovens são os que mais morrem por agressão e também são os mais apontados como autores de agressões pela violência no Brasil. A vulnerabilidade desse público está associada a vários fatores: sociais, familiares, individuais, econômicos, políticos e biológicos.

O contexto de mudança de nível do ensino fundamental para o ensino médio geralmente é permeado por uma instabilidade e pressão nos adolescentes direcionando o foco para a seleção que possibilitará o acesso à universidade e expectativa de futuro promissor para os jovens. O currículo escolar se estrutura para atender às imposições do sistema competitivo de acesso ao curso superior e ao mercado de trabalho.

A adolescência é uma fase do ciclo de vida humano marcada pela transitoriedade entre a infância e a fase adulta. Por um lado, a sociedade impõe limitações tratando os adolescentes como crianças e por outro, cobra-lhes responsabilidades coerentes com a expectativa de formação de um adulto bem sucedido. Ademais há uma explosão hormonal, permeada por sentimentos paradoxais, confusão e instabilidade na forma de lidar com as transformações inerentes ao período da vida.

Nessa fase é comum o adolescente buscar ampliar o seu contato social para



além do grupo familiar buscando outros grupos com similar importância da relação entre pares na formação da identidade do jovem e seu desenvolvimento psicossocial. Nos grupos os jovens têm liberdade de progressivamente experimentar diferentes papéis sociais, exercitar sua autonomia e construir sua identidade pessoal. Nesse processo de descoberta das suas potencialidades o jovem pode experimentar comportamentos desviantes às normas das instituições que frequentam e gerar alguns transtornos que precisam ser enfrentados adequadamente para evitar maiores danos.

Contudo, a formação da maioria desses grupos de jovens é fomentada por adultos em diferentes instituições: escolar, religiosa, esportiva entre outras, ressalta-se, por conseguinte a atribuição da responsabilidade institucional sobre a gestão desses processos de formação da juventude, pois o adolescente ainda é dependente e está sob os cuidados do adulto, seja legalmente, socialmente ou psicologicamente.

Portanto, a escola deve estar preparada para enfrentar os conflitos e tensões presentes na sociedade em geral e assumir a responsabilidade na formação humana da juventude pautada nos princípios democráticos de respeito à diversidade para a contribuição da cidadania.

### **3 I CULTURA DA VIOLÊNCIA: PRESENÇA CONTÍNUA DE ATOS DE VIOLÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Como de praxe no processo de inclusão, buscamos contornar os conflitos pelo diálogo contínuo referendado no acordo de convivência entre família e escola, entretanto as demandas foram se acumulando e a escola não conseguiu conter os atos de violência que explodiram num encadeamento seqüenciado evidenciando a instalação da cultura de violência. Destaco três atos que merecem análise para a compreensão dos fatos.

O primeiro ato impactante ocorreu em uma tarde de maio de 2016, quando fui surpreendida com o choro da minha filha ao receber via celular várias mensagens agressivas das colegas de grupo de trabalho escolar como podemos perceber nas sentenças imperativas: "... Não adianta estudar, você não vai se dar bem, você é um nada, se eu quiser posso tirar você do grupo, você vai tirar zero, eu não tô mentindo, quando eu digo eu faço!" " Pára de enrolar e faça a porcaria desse trabalho, agora!" Tudo depende da gente se você vai se dar bem ou não."

O tom de agressividade, ameaça e deboche identificados nas nove mensagens de voz das colegas de grupo exigiram interferência imediata com o retorno às mensagens chamando a atenção para a gravidade das suas falas. Simultaneamente comuniquei o ocorrido à coordenação da escola externando minha preocupação

com a integridade psicológica de minha filha e solicitei reunião para discutirmos a situação.

Nesse episódio, uma dor profunda invadiu o meu ser, estava ocorrendo o rompimento da “cápsula protetora” como afirma Goffman (1988): “O momento crítico na vida do indivíduo protegido, aquele em que o círculo doméstico não pode mais protegê-lo.” Rememorei os relatos da minha filha sobre a reincidência de ações de exclusão no ambiente escolar até aquele momento e despertei para a ocorrência de possível situação de *bullying*. Conforme Patrício (2013, p. 22) o *bullying* constitui-se em um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos entre colegas de mesma escola, caracterizado pela repetitividade e assimetria de forças, com ação intencional de causar danos à vítima que geralmente aparenta incapacidade de se defender.

Ressalto a dificuldade da família da pessoa com deficiência em identificar a ocorrência da discriminação no ambiente escolar, no caso em questão, a deficiência sensorial da minha filha a impede de enxergar e escutar com precisão o que os outros estão expressando sobre ela. Assim, a pessoa com deficiência é considerada alvo fácil para o preconceituoso que quer se mostrar mais forte e busca tirar vantagem da fraqueza do outro. Além disso, em alguns momentos, o estigmatizado abdica de seus desejos e direitos e suporta discriminações para tentar fazer parte do meio social. Desta forma, vai se constituindo uma inclusão perversa que incute no oprimido a naturalização da opressão. Adorno ressalta esses mecanismos de adaptação ao sistema vigente como mais uma forma de violência de negação da identidade da diferença.

Como mãe, reconheço a presença dessa dinâmica na história de inclusão de minha filha gerando uma insegurança que nutre o medo da rejeição, por vezes me vejo hiper disciplinando e orientando a minha filha para se adaptar a normatização social e quando não é possível se adaptar capacito-a para a defesa da sua dignidade humana, pautada na ideologia dos direitos humanos.

Em reunião com a gestão pedagógica da escola mostrei as gravações e externei minha preocupação diante dos atos agressivos. A orientadora pedagógica se sensibilizou com a situação e informou que conversaria com as alunas para rever as atitudes e se retratar perante a colega, além de solicitar do professor de Filosofia um trabalho com a turma sobre respeito e tolerância. Por outro lado, o coordenador pedagógico tratou o caso como uma briguinha de grupo e enfatizou que as alunas não colocaram o nome no trabalho porque minha filha não havia feito a parte dela, então informei da veracidade do envio do trabalho para o correio eletrônico de uma integrante do grupo, dentro do prazo estipulado, portanto não havia motivo para a exclusão. A questão central da violência estava sendo desviada e sendo conduzida para a desqualificação da participação da minha filha na atividade

escolar. Desacreditar a vítima é uma estratégia utilizada que reforça a perpetuação da violência.

Diante dos fatos colocados, pelos sofrimentos gerados e pela negação da escola de reconhecimento da hipótese de possível *bullying*, escolhi o caminho de resistência e enfrentamento para garantir condições dignas para a convivência de minha filha na escola.

O foco era buscar descobrir o que estava motivando as ações de violência daqueles jovens, porque estavam incomodados com a presença daquela estudante, porque se achavam no direito de agredi-la? O que havia de diferente no ensino médio que fomentava a violência? Que elementos dessa instituição estavam incentivando a violência?

Na intenção de investigar a situação de inclusão e buscar respostas às questões, intensifiquei a comunicação com os gestores da escola, participei de reunião com professores para buscar informações sobre a didática em sala de aula, desempenho escolar e relações interpessoais.

Na pesquisa exploratória sobre o processo de ensino-aprendizagem surpreendi-me com o despreparo da maioria dos professores em realizar a inclusão e com o baixo desempenho da minha filha nas primeiras avaliações, destoando do padrão cognitivo e de interesse escolar que a mesma evidenciou no decorrer do ensino fundamental. Indubitavelmente, com a banalização da violência no ambiente escolar essa inclusão estava ocorrendo de forma perversa, pois além de cercear o direito de aprender da minha filha, estava provocando danos na sua auto-estima e nas inter-relações com os colegas.

Depois de conversar com a coordenação escolar e tentar provar que estavam ocorrendo ações sistematizadas de violência, mais uma ação de violência se evidencia agora no grupo de whatsapp da turma um colega envia a seguinte mensagem: “Vai dormir, vai procurar o que fazer”. E quando a minha filha responde que tem o mesmo direito que ele de se expressar no grupo, ele escreve para ela: “Negra, negra, negra “ e em seguida arbitrariamente a exclui do grupo.

Ressalto que este estudante progressivamente demonstrava incômodo com a presença da colega chegando a tal ponto de excluí-la do grupo, depois de usar enfaticamente a expressão “negra” no sentido incontestável de racismo. O racismo é estrutural, é uma discriminação construída historicamente pelo ódio sobre a raça negra e se expressa violentamente nas relações interpessoais.

Suponho o quanto incomodado deveria estar esse jovem que também era negro, mas alisava o cabelo e namorava com uma menina branca. A projeção de uma característica que ele quer negar em si, se manifesta na agressividade à colega negra, evidência de conflito psíquico na construção da própria identidade, com implicações profundas na maneira de ser e de agir do sujeito, requerendo encaminhamentos

para cuidados com profissionais da área para evitar maiores transtornos. Como pode afirmar Patrício (2013, p. 24) na caracterização dos agressores-vítimas: “esses sujeitos apresentam uma combinação de baixa auto-estima, atitudes agressivas e provocativas. Podem também ser depressivas, ansiosas, inseguras e inoportunas, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações.”

Ressalto que na análise do conteúdo do grupo de mensagens instantâneas via celular preponderava um tratamento agressivo, de xingamentos, depreciativo entre os colegas. Em conversa com a minha filha constatei a frequência dessa comunicação depreciativa no ambiente escolar e todos tratarem como linguajar normal entre os jovens. Segundo pesquisadores essa atitude de ofensa do outro pode ser caracterizada como uma ação de reforço ao *bullying*.

O terceiro ato de violência foi publicizado, depois de várias mensagens trocadas com representantes da escola, reuniões, idas e vindas à escola de minha filha para tratar sobre a inclusão e convivência no meio escolar, recebo essa ligação de uma funcionária da escola: “Mãe, a coordenadora pediu pra falar que já resolveu sobre a brincadeira do outro aluno com a sua filha, já chamou os pais para conversar, pois ele também estava brincando assim com outros colegas, não foi só com a sua filha não, viu?”

A brincadeira que a representante da escola se referiu é do estudante de outra turma apontou uma arma pra cabeça de minha filha durante um evento de exposição científica no ambiente escolar que certamente contou com a presença de professores e funcionários.

Dado o fato, a arma podia ser de brincadeira, porém a encenação representou uma violência contra o outro, e nesse caso faz parte de uma cultura que se expressa na fobia, no processo de extermínio diário e progressivo, contra o deficiente, a mulher, o negro, enfim contra qualquer manifestação do humano que vá contra os padrões hegemônicos.

Por envolver crianças e adolescentes nas suas relações espontâneas, freqüentemente esses atos agressivos no ambiente escolar são atribuídos como brincadeiras. Entretanto, as pesquisas na área evidenciam a necessidade de se estabelecer limites definidos, pois se o ato ofende, incomoda, ou causa qualquer constrangimento ao outro perde o caráter de brincadeira e torna-se violência. Nessa relação sempre há um agressor, um agredido e uma platéia que, comumente, potencializa o ato ao aprovar com risos ou naturalização tornando-se assim co-autores. A partir dessa perspectiva, a violência acaba afetando toda a comunidade escolar.

Analisando esse ato específico, é oportuno destacar que ele foi revelado por uma estudante que presenciou o fato e após ter participado do projeto pedagógico de combate ao *bullying* na escola, sensibilizou-se para fazer a denúncia à coordenação

da escola.

No contexto desse terceiro ato de violência a situação assume uma proporção alarmante, em virtude da recidiva de atitudes agressivas desse aluno com vários colegas, alguns estudantes inconformados reagiram e via mensagens pelo celular, planejaram dar uma “lição de moral” no agressor. Em tempo, esse plano foi invalidado e os pais do estudante agressor acharam prudente trocá-lo de escola. Ou seja, em face da omissão da instituição escolar na solução dos conflitos os estudantes intentaram fazer justiça ou vingança com as próprias mãos, ação condenável por se distanciar da noção do direito e da razão e, por conseguinte, aumentar a disseminação da violência.

#### 4 | CAMINHOS DE ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA

Estava sendo inútil todo esforço para disciplinar minha filha, buscar meios para adaptá-la à sociedade, mantê-la sempre limpinha, educada, vez que para o preconceito não se precisa de provas apenas de crença de que o outro tem menos valor. Os embates transpõem o campo do simbólico e necessário se faz mudar mentalidades e culturas para o respeito à diversidade humana.

A recorrência desses atos de violência, além da ineficiência da escola na gestão dos conflitos impeliu-me a buscar caminhos alternativos de enfrentamento para barrar o ciclo vicioso do preconceito, violência e do bullying e defender uma convivência sadia no ambiente escolar. Assim, busquei investigar a situação, com pesquisas no ambiente escolar e na literatura sobre a temática e em coletivos sobre inclusão.

O diálogo entre a mãe e a escola estava tenso, as reivindicações à escola não estavam sendo encaminhadas a contento, pois no decorrer do processo de inclusão os conflitos foram aumentando progressivamente e culminaram na visibilidade dos eventos violentos. Instaurou-se uma relação de mal estar entre a escola e a mãe, com os discursos que insinuavam que a mãe estava exagerando o ocorrido, como constata-se em algumas falas de professores pós o incidente inicial das mensagens das colegas via celular: “mas, as alunas estavam reclamando que *sua filha* não estava fazendo as atividades” “mas, mãe como assim essas meninas são boas alunas, alguma coisa aconteceu para elas agirem assim.” Ao tempo que ia defendendo a minha filha a preocupação aumentava, pois se as boas alunas estavam agindo com violência imaginei o que os maus poderiam fazer.

O discurso que tenta transformar a vítima da discriminação em culpada na tentativa de atenuar as responsabilidades, evidencia as artimanhas da instituição na manutenção da imagem de eficiência na gestão da ordem normatizada e conseqüentemente corrobora para a manutenção do estado de violência.

Para maior consternação, em uma dessas conversas com a coordenação houve a tentativa de desviar o caso para a higiene da minha filha da qual tive em comunicação escrita informar sobre os hábitos de higiene da minha família. Essa observação foi realizada por uma coordenadora recém contratada, que não tinha nenhuma intimidade construída comigo, nem tempo para referendar os fatos. Mais uma vez, me via em situação de racismo quanto à associação do negro à sujeira. Precisamos nos limpar de preconceitos para melhorar a convivência. Fiquei perplexa, pois se a coordenadora não teve nenhum constrangimento em expressar o seu racismo temi em imaginar o que a minha filha estaria sofrendo. Esse fato foi o estopim para me motivar na jornada de denúncias das violências em vários espaços públicos, inclusive ao Ministério Público da Bahia.

A condição de ser negra, com fenótipos bem acentuados, demanda da inclusão um olhar uma postura a partir da complexidade com abordagem inteseccional nas categorias de raça, gênero e deficiência.

Em todo esse processo buscava desenvolver a emancipação da minha filha, mantê-la informada dos acontecimentos, saber dos seus sentimentos e das suas opiniões, fomentar a participação dela em algumas reuniões com representantes da escola. Assim, progressivamente ela foi ampliando sua autonomia e tomando consciência da luta dolorosa, mas imprescindível na conquista dos seus direitos de existência com toda sua rica, bela e legítima diversidade.

Diante disso, percebi que o fortalecimento da identidade dessa jovem atormentava aos outros normais que paradoxalmente atacavam a diferença, mas desejavam usufruir das conquistas do diferente. Muitos consideram inadmissível uma menina deficiente ter a coragem de encarar o público, participar dos eventos e ser ovacionada; de enfrentar o machismo exigindo o seu lugar no futebol e ainda ter a audácia de fazer gols; de saber lidar com as limitações sensoriais e ter bom desempenho escolar; de ser a filha adotiva e desfrutar da participação da família em todos os eventos da escola. Essa percepção de que subjetivamente as pessoas se incomodam com a realização dos diferentes corrobora com Adorno (1995, p.122) que identifica na sociedade a repetição histórica desses mecanismos de discriminação e sua organização para atacar e destruir qualquer evidência de resistência dos diferentes: “a violência contra os fracos se dirige, principalmente contra os que são considerados fracos e ao mesmo tempo, seja isso verdade ou não, felizes.”

No transcorrer da investigação sobre a inclusão observei que a escola aumentara o seu foco sobre a vítima, buscando conhecer o que na vítima desperta a violência do outro. Assim a vítima foi submetida a muitos questionamentos e rigorosa vigilância sob o pretexto de proteção, cercearam o seu direito de ir e vir chegando ao cúmulo de ter o acesso restrito a alguns espaços da escola. Estratégia equivocada que reforça a violência estrutural que se consolida a partir da naturalização das

desigualdades reforçando estereótipos como, por exemplo, de que “jogar futebol não é para mulher” e o “deficiente é coitadinho e frágil”.

Mediante tais acontecimentos, demonstrei estranhamento sobre esse foco exagerado sobre a jovem discriminada e questionei sobre os encaminhamentos às ações dos jovens agressores, se os responsáveis desses jovens eram convocados para a coordenação para justificarem os motivos e intenções de seus atos e os outros também tinham restrição de acesso condicionado a uma autorização dos pais? As respostas foram muito vagas e certamente não alcançaram efetividade visto que a cultura da violência, ao longo do ano, foi progressivamente se consolidando.

Diante do exposto, identifico um conjunto de fatores que contribuíram para a cultura da violência tendo como embasamento a violência institucional. Violência institucional constitui-se quando a organização social se omite, oferece serviço de baixa qualidade para minorias ou pessoas em situação de vulnerabilidade. No caso em questão, houve demora excessiva da editora para ampliar os módulos das disciplinas, indiferença e despreparo da maioria dos professores para lidar com a inclusão, não adaptação do material didático utilizado em sala, falta de habilidade para lidar com os conflitos entre os estudantes, manutenção da cultura estudantil de brincadeiras de xingamentos, apelidos e desmerecimento do outro. Além da sobrecarga de conteúdos e pressão no ensino médio gerando clima estressante.

Geralmente a escola utiliza de mecanismos essencialmente punitivos para enfrentar as situações de natureza conflituosa: advertência, suspensão ou transferência de escola. A conversa com as partes ocorre de forma superficial, apenas para se inteirar dos fatos e posteriormente se aplicar a punição. Essas ações fomentam a culpa e o remorso no agressor na intenção de controlar sua ação, segundo Adorno (1995) a sociedade capitalista se utiliza de mecanismos para conter as pulsões humanas para ajustá-los ao sistema. Contudo a barbárie continuará a existir enquanto suas causas forem mantidas.

Portanto, a escola como instituição socializadora precisa ir além da reprodução das tensões sociais e buscar meios para a superação dos conflitos gerados nas relações interpessoais na sua microestrutura social. Para tal, precisa fomentar a participação da família que deve ser vista como instituição parceira na educação e formação cidadã dos adolescentes e jovens, por meio de uma comunicação contínua pautada nos princípios da convivência democrática.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recorrência desses atos de violência e a ineficiência da escola na gestão dos conflitos impeliram-me a buscar caminhos alternativos de enfrentamento para barrar o ciclo vicioso do preconceito, violência e do *bullying* e defender uma convivência

sadia no ambiente escolar. Assim, busquei investigar a situação, com pesquisas no ambiente escolar e na literatura sobre a temática e em coletivos sobre inclusão. Evidentemente que não consegui respostas para todos os questionamentos, pois a gestão escolar apresentou-se incipiente para abarcar as demandas do esclarecimento desse contexto. Ainda há muito que se propor para a construção de uma efetiva gestão que abarque a educação para a diversidade de forma multidimensional.

Reitero que a violência imprime suas marcas em todas as instituições sociais, repercutindo também nas interações escolares, entretanto, a escola deve assumir a responsabilidade sobre o processo de produção e enfrentamento da violência no seu contexto.

O fenômeno do *bullying* está se propagando vertiginosamente nas escolas e independentemente das causas, faz-se premente o reconhecimento da sua existência, caracterização de sua manifestação e busca meios de intervenção para superação dos atos violentos no ambiente escolar.

Ressalto que na maioria das situações conflituosas, a escola se colocava aberta para a escuta e encaminhamentos para a resolução dos problemas, entretanto não basta ter boa vontade faz-se necessário transpor os modelos tradicionais de superação de conflitos com meras conversas com os estudantes e responsáveis. Para reverter o clima de violência, que gera mal estar e transtornos psíquicos, seria necessário investigar as suas causas e buscar propostas de abrangência interdisciplinar, com foco não apenas na vítima, mas, sobretudo nos agressores, almejando o desvelamento e combate dos fatores que fomentam a indiferença e incapacidade de identificação e respeito à diversidade humana.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (coord.). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CROCHÍK, J. L. (Coord) **Preconceito e Educação Inclusiva**. Brasília: SDH/PR, 2011.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PATRÍCIO, C. Jr. **A violência por trás da “brincadeira”**: um estudo quantitativo sobre o bullying entre estudantes de Belo Horizonte. 2013. Dissertação ( Mestrado em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência ), Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Medicina, Belo Horizonte.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambiente Social 137, 174

Autobiografia 30, 33, 37, 77, 83, 89, 92, 103, 107, 108, 127, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251

Autoetnografia 80, 82, 83, 84, 85, 89, 105, 106, 108, 114

### B

Belmonte 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Biograma 39, 41, 42, 43, 44, 45

### C

caminho de formação 1

Cartas 33, 51, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 243

Condessa 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Consciência Histórica 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

### D

Desenvolvimento 2, 4, 7, 9, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 39, 40, 45, 46, 66, 68, 69, 70, 72, 89, 93, 112, 118, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 149, 150, 155, 159, 161, 162, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 199, 205, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 236, 239, 262, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 286, 287, 288, 297, 299, 302, 303, 305, 306, 315, 321, 322

Desenvolvimento Profissional 7, 15, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 40, 297

D. Pedro I 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

### E

Educação 8, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 37, 38, 46, 51, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 65, 69, 71, 73, 75, 77, 78, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 173, 175, 176, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 211, 212, 213, 223, 228, 234, 238, 239, 240, 243, 244, 247, 248, 249, 279, 280, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 323, 324

Educação Ambiental 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 161

Educação Básica 5, 6, 57, 65, 143, 145, 150, 153, 186, 190, 193, 194, 195, 199, 200, 213, 302, 309, 310, 312, 313

Engenharia Biomédica 39, 40, 46

Entrevista Narrativa 1

Espaço 2, 7, 8, 10, 11, 14, 18, 50, 51, 53, 56, 64, 70, 74, 77, 79, 81, 83, 86, 87, 93, 105, 110, 112, 113, 115, 118, 119, 120, 121, 124, 134, 135, 136, 137, 140, 142, 143, 145, 147, 149, 152, 174, 176, 182, 190, 234, 250, 251, 252, 271, 284, 317, 319, 322, 324

Ética 35, 114, 125, 127, 128, 129, 136, 138, 139, 140, 141, 145, 252, 285

Experiência 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 21, 28, 33, 47, 49, 52, 57, 69, 71, 74, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 100, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 149, 152, 156, 177, 183, 186, 201, 202, 215, 220, 241, 243, 250, 251, 258, 259, 262, 263, 267, 268, 282, 290, 309, 324

## F

Família 48, 49, 50, 52, 53, 55, 60, 63, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 88, 89, 95, 96, 98, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 123, 148, 165, 169, 176, 179, 181, 182, 184, 205, 206, 210, 211, 243, 251, 267, 274, 289

Formação Continuada 10, 12, 13, 15, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 57, 100, 146, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 310, 311, 312, 313, 314

Formação pessoal 116

Formação profissional 6, 11, 14, 19, 29, 100, 115, 116, 119, 120

## H

Habilidades 143, 146, 150, 157, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 184, 218, 233

História de vida 2, 26, 38, 47, 90, 91, 92, 103, 117, 131, 177, 184

## I

Identidade 3, 5, 6, 8, 13, 14, 22, 27, 28, 32, 48, 55, 56, 59, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 107, 118, 129, 136, 142, 205, 206, 207, 210, 212, 245, 246, 289, 291

Inteligência 168, 174, 175, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 269, 271, 273, 313, 323

Irmãs 57, 92, 96, 105, 113, 169

## L

Leitura de vida 47

## M

Memória 33, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 103, 110, 118, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 132, 141, 221, 224, 225, 247, 274, 288

Método 39, 41

## N

Narrativas 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 26, 27, 33, 37, 39, 41, 44, 45, 47, 49, 51, 60, 66, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 102, 105, 108, 109, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 137, 139, 140, 141, 201, 202, 203

## O

Objetivos 33, 36, 41, 71, 86, 90, 91, 92, 98, 99, 102, 103, 120, 125, 145, 148, 149, 150, 161, 195, 216, 219, 254, 260, 290, 295, 310, 316, 321, 322

Origem 51, 53, 64, 82, 89, 90, 91, 94, 105, 107, 109, 112, 113, 117, 132, 133, 143, 220, 223, 224, 225, 230, 235, 236, 271, 276, 283

## P

Pesquisa Narrativa 1, 2, 3, 8, 13, 14, 120, 126, 286, 288

Professor iniciante 15, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Projetos de vida 30, 34, 36

Projetos Interdisciplinares 143

## R

Racismo 47, 60, 65, 207, 210

Resiliência 47, 48, 56, 178

Robótica 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

## S

Socioeducação 30, 32

Sustentabilidade 141, 144, 154, 155, 157, 160, 161, 162, 185

## T

Tempo 2, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 41, 43, 47, 48, 52, 56, 58, 60, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 83, 84, 87, 92, 93, 95, 96, 100, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 120, 123, 130, 133, 134, 140, 142, 149, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 177, 178, 182, 183, 189, 209, 210, 216, 219, 228, 233, 240, 243, 246, 247, 250, 251, 256, 258, 259, 265, 268, 272, 275, 276, 280, 281, 282, 284, 285, 307, 316, 317

Trajectoria docente 39

## V

valores humanos 32, 127, 137, 141

Valores Humanos 30

VALORES HUMANOS 137

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**